

UMA BREVE ANÁLISE DO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO EM UMA TIRA DE MAGALI

Renata Borba FAGUNDES
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
tatinha_b_f@hotmail.com

RESUMO:

Para a Semiótica Discursiva, o percurso gerativo de sentido refere-se ao plano de conteúdo de um texto e preocupa-se com o modo como o sentido nele é construído. Calcados na teoria da Semiótica Discursiva e em seus seguidores, tais como Fiorin (2002) e Barros (2005), objetivamos analisar o percurso gerativo de sentido de um texto pertencente ao gênero tira. Como *corpus*, selecionamos uma tira da personagem Magali, do autor Maurício de Sousa, posto que tal escolha justifica-se pela grande popularidade da personagem, ademais, acreditamos que o conhecimento que possuímos a respeito de uma de suas características principais, a gula, colaborará com nossa análise. Para tanto, atentaremos-nos aos três níveis do percurso gerativo de sentido, a citar: a) fundamental, a fim de estabelecer as categorias semânticas presentes no texto; b) narrativo, analisar se foram percorridas suas quatro fases, ou seja, manipulação, competência, *performance* e a sanção; c) discursivo, identificar como se concretizaram as formas abstratas do nível narrativo. Por fim, posto que o texto possui dois sujeitos, Magali e um sapo que se transforma em um príncipe encantado, analisaremos a forma como o sentido é construído nos discursos de ambos.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Discursiva; percurso gerativo de sentido; análise; tira.

1 Introdução

O presente artigo¹ possui como objetivo realizar uma análise de um texto tendo como embasamento os pressupostos teóricos da Semiótica Discursiva. Como corpus, selecionamos uma tira de uma das personagens da turma da Mônica, Magali, do escritor Maurício de Sousa. O motivo dessa escolha se deu pela popularidade dessa personagem, cuja característica principal é a gula

Buscamos verificar o percurso gerativo de sentido no texto, ou seja, o modo como o sentido nele se constrói. Posto que possuímos dois sujeitos na tira, um sapo e Magali, analisaremos a construção dos sentidos sob a visão de ambos.

No entanto, primeiramente, com o intuito de situar o leitor no contexto semiótico, consideramos importante uma breve explanação sobre Semiótica Discursiva, desde seu surgimento, quem foi seu fundador, suas bases teóricas, o nome que recebeu inicialmente; para então partirmos para os conceitos apregoados por essa disciplina, tais como “plano de conteúdo” e “plano de expressão”.

Logo após, discorreremos sobre o plano de conteúdo; o percurso gerativo de sentido e seus níveis: fundamental, narrativo e discursivo; atrelando, desse modo, os conceitos sobre esses itens com a análise do texto. Basicamente, verificaremos no nível fundamental, as categorias semânticas opostas que o constituem; no narrativo, como se estrutura a sequência canônica, que compreende quatro fases (manipulação, competência, *performance* e sanção); e, por fim, no nível discursivo, como se concretizaram as formas abstratas do nível narrativo.

2 A Semiótica discursiva

A Semiótica Discursiva (doravante denominada SD), inicialmente, recebeu o nome de Semântica Estrutural por seu fundador Algirdas Julien Greimas e, devido a esse estudioso, também pode ser chamada de Semiótica Greimasiana. É considerada uma disciplina em desenvolvimento, ou seja, não está acabada, “não é *facta*, mas *in fieri*. Por isso, a todo momento, está repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se.” (FIORIN, 1999, p. 1)

Fundamentada nos conceitos propostos por Saussure e Hjelmslev, tem como seu objeto de estudo “o sentido, o qual, para Hjelmslev, ocorre pelo encontro dos níveis expressão/conteúdo e são suscetíveis de ser analisados pela metalinguagem descritiva.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20) Contudo, a SD não se preocupa com o sentido em si, mas com o modo como é empregado no texto,

interessa-se pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio das formas da linguagem, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente. (BERTRAND, 2003, p. 11)

Visto que o sentido se dá em um texto, cabe entendermos a visão que a SD tem sobre ele. Segundo os preceitos semióticos, para que haja um texto é necessário que aconteça uma união de conteúdo, o que se diz, com uma expressão, como se diz. Por exemplo, se pretendemos passar uma determinada mensagem (o conteúdo) temos que escolher um plano de expressão para que ela se estabeleça: uma carta, um poema, um bilhete, uma música, etc.

¹ Trabalho apresentado como avaliação parcial da disciplina Semiótica: princípios e historicidade, ministrada pela Profª. Dra. Maria Luceli Faria Batistote, ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no primeiro semestre de 2011.

Assim, um texto pode ser tanto “linguístico, indiferentemente oral ou escrito, quanto visual, olfativo ou gestual, ou, ainda, um texto em que se sincretizam diferentes expressões como nos quadrinhos, nos filmes ou nas canções populares.” (BARROS, 2003, p. 188)

Entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, importa à SD o primeiro, já que é nele que se encontram os sentidos; embora essa disciplina não ignore a importância do plano de expressão, já que

a função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo. (HELMSLEV, 2003, p. 198)

Além disso, o plano de expressão pode influenciar no plano de conteúdo; é o caso das obras de Guimarães Rosa, nas quais sua linguagem particular e encantadora (que se localiza no plano de expressão) imprime um valor inigualável a seus textos. Desse modo, a semiótica propõe, como primeiro passo para uma análise, “que se examine apenas seu plano do conteúdo. As especificidades da expressão, na sua relação com o conteúdo, serão estudadas posteriormente.” (BARROS, 2005, p. 13)

3 O percurso gerativo de sentido e seus três níveis

O plano de conteúdo de um texto é concebido sob a forma de seu percurso gerativo de sentido. E, a fim de detalhar como acontece essa relação texto, plano de conteúdo e sentido, atentemos à seguinte observação:

A teoria semiótica procura, portanto, explicar os sentidos do texto. Para tanto, vai examinar, em primeiro lugar, os mecanismos e procedimentos de seu plano de conteúdo. O plano de conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido, metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo. (BARROS, 2003, p. 188)

O percurso gerativo de sentido “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido.” (FIORIN, 2002, p. 17) Segundo o mesmo autor (1999, p. 3), ele se divide em três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas.

Com base nesses conceitos sobre o plano de conteúdo e o percurso gerativo de sentido de um texto, além de outros que definiremos, a seguir, a respeito dos três níveis/patamares do percurso gerativo (fundamental, narrativo e discursivo), analisaremos a tira abaixo com o fito de aplicar tais teorias ao texto que constitui o *corpus* de nossa análise.



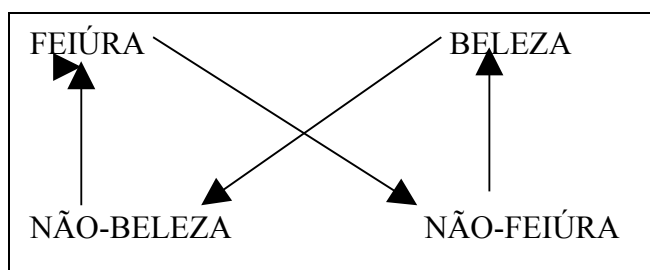
Antes mesmo de discorrermos sobre os níveis/patamares, consideramos relevantes algumas informações sobre os personagens que serão oportunas durante esta análise. No que se refere à Magali, como já mencionamos anteriormente, possuímos o conhecimento de que essa personagem destaca-se por ser gulosa. Quanto ao sapo, que posteriormente se transforma em príncipe, temos aqui a reprodução de um conto de fadas bastante popular, no qual um belo príncipe, por ter sido enfeitiçado por uma bruxa, encontra-se na condição de sapo e só o beijo de uma princesa poderia quebrar o encanto.

3.1 Nível Fundamental

O primeiro dos três níveis do percurso gerativo de sentido é o fundamental, visto que

compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que a vs b. Podem-se investir nessa relação oposições como vida vs morte, natureza vs cultura, etc. Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos não a vs não b. Os termos a vs b mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos não a vs não b. Entre a e não a e b e não b há uma relação de contraditoriedade. Ademais, não a mantêm com b, assim como não b com a, uma relação de implicação. Os termos que mantêm entre si uma relação de contrariedade podem manifestar-se unidos. (FIORIN, 1999, p. 4)

Com base nisso, beleza X feiúra constituem, então, categorias semânticas do texto; dado que há uma contraditoriedade entre feiúra e beleza, bem como *não feiúra* implica em *não beleza*. Ademais, posto que o “quadrado semiótico organiza logicamente os termos da estrutura fundamental” (LARA; MATTE, 2009, p. 21), optamos por construí-lo:



Cada um dos elementos da categoria de base de um texto “recebe a qualificação semântica /euforia/ - considerado um valor positivo - *versus* /disforia/ - visto como um valor negativo.” (FIORIN, 2002, p. 20) Com relação ao texto, para o sapo, sua condição de sapo, um animal feio, é disfórica; já, conquistar uma condição de ser um belo príncipe é eufórico.

Enquanto isso, para Magali, a beleza do príncipe, no terceiro quadrinho, é disfórica; o que seria eufórico, segundo essa personagem, seria alguém com a capacidade de fornecer-lhe algum tipo de comida, como um padeiro ou um pipoqueiro.

Por fim, a sintaxe do texto ocorre do seguinte modo: afirmação da feiúra no momento em que um dos sujeitos se encontra na condição de sapo; a negação da feiúra quando esse recebe um beijo; afirmação da beleza quando o sapo se transforma em príncipe.

3.2 Nível Narrativo

O segundo nível do percurso gerativo de sentido é o narrativo, o qual trabalha com a narratividade. No entanto, não podemos confundir narratividade com narração; pois esta “concerne a uma determinada classe de textos. Aquela é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes [...], quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final.” (FIORIN, 2002, p. 21)

Para que essas transformações ocorram, precisa haver no texto os papéis narrativos, desempenhados por sujeitos e objetos, contudo, não se pode confundir “sujeito com pessoa e objeto com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais.” (*ibidem*, p. 22) É por esse motivo que tanto Magali, um ser humano, como o sapo, um animal, constituem-se, na narrativa, como sujeitos.

Em um texto, há dois tipos de objeto que o sujeito almeja, são eles: “*objetos modais* (o querer, o dever, o poder e o saber), necessários para a obtenção dos *objetos de valor* - que são o objetivo último da ação narrativa.” (FIORIN, 1999, p. 5)

Na tirinha, o objeto modal do sapo é o beijo de Magali; meio pelo qual obterá seu objeto de valor, que é a condição de ser um belo príncipe. Para Magali, o beijo também se constitui como um objeto modal, no entanto, seu objeto de valor é divergente, já que, motivada por sua gula, o que objetiva ao final é “comida”. Percebemos com isso que o que é um objeto de valor para um sujeito pode não ser para o outro, ademais, o que é um objeto de valor para a maioria pode não ser para um determinado sujeito e vice-versa. No caso, apesar de várias mulheres sonharem em achar seu príncipe encantado, Magali, devido à sua gula, prefere uma pessoa que possa lhe oferecer comida.

Passemos agora aos dois tipos de enunciados elementares da sintaxe narrativa:

No nível das estruturas narrativas, as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77)

Do ponto de vista do sapo, de um estado inicial disjuncto de seu objeto de valor (tornar-se um belo príncipe), passa a um final conjuncto, quando consegue realizar tal transformação. Magali encontra-se também em um estado inicial de disjunção de seu objeto de valor, a comida, no entanto, ao final, continua disjuncto dele. Quanto às transformações, o sapo passa de seu estado inicial de animal feio e repulsivo a um estado final, o de um belo príncipe.

A propósito, ainda no nível narrativo, uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica de fases: manipulação, competência, *performance* e sanção – as quais detalharemos no próximo item. Cada fase, uma pressupõe a outra, por exemplo, “para que um

sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo.” (FIORIN, 1999, p. 5)

A primeira fase é a manipulação. Nela, “o que importa é o esforço do destinador no sentido de despertar a confiança do destinatário (*fazer crer*) para, em seguida, completar a manipulação, fazendo-o *fazer* ou *não fazer*.” (TATIT, 2002, p. 191) Além disso, “essa fase pode ser concretizada como um pedido, uma súplica, uma ordem, etc.” (FIORIN, 1999, p. 5).

Para que um sujeito consiga o que deseja, ele age sobre o outro de forma que esse segundo colabore para a conquista do seu objetivo. Para isso, é interessante que o manipulador conheça o outro sujeito, pois, desse modo, a manipulação terá mais chances de ser bem sucedida.

No caso da tira, diante de sua posição de sapo - um animal que causa repulsa em muitas pessoas e que não possui nenhum atrativo que poderia ser oferecido a uma moça como um objeto de valor -, ele parte do pressuposto de que Magali já conhece os contos de fadas popularizados por uma princesa beijar um sapo e esse se transformar em príncipe, bem como se baseia na crença de que a maioria das mulheres vive em busca de um príncipe encantado para manipular Magali. Oferece a ela um objeto de valor, uma surpresa, com a finalidade de instigá-la e com isso ganhar seu beijo. Ao lançar mão do pedido por um beijo, Magali se deixa manipular motivada pela curiosidade suscitada pela surpresa, e completa, assim, a manipulação.

Dentre as formas de manipulação existentes, destacamos as quatro seguintes:

- a. Sedução: em que o destinador manifesta um saber fazer o destinatário querer fazer, elogiando-o ou enaltecendo-o de tal maneira que qualquer sinal de recusa à manipulação significaria também a renúncia a todas as qualidades que lhe foram atribuídas;
- b. Tentação: domínio em que o destinador demonstra poder fazer o destinatário querer fazer, apresentando-lhe uma recompensa de algum modo irrecusável;
- c. Provocação: caso no qual o primeiro actante obtém com o seu saber fazer o dever fazer do destinatário, já que o leva a agir como única forma de refutar a depreciação que lhe foi imposta;
- d. Intimidação: processo que põe em cena um destinador dotado de um poder fazer (normalmente extradiscursivo) o destinatário deve fazer a partir de algum tipo de ameaça. (TATIT, 2002, p. 191)

No texto, ocorre uma manipulação por tentação por parte do sapo. Ele consegue com que Magali o beije, com a afirmação de que por meio do beijo ela obterá uma recompensa, no caso, uma surpresa.

Contudo, nem sempre a manipulação é bem sucedida, visto que para que o seja, dependerá da colaboração dos dois sujeitos. Quando o sujeito a ser manipulado não se deixa manipular, “recusa-se, assim, a participar do jogo do destinador, pela proposição de um outro sistema de valores. Só com valores diferentes o sujeito se safará da manipulação.” (BARROS, 2005, p. 35).

No caso de Magali isso não aconteceu, ela se interessou pela proposta do sapo e cedeu ao seu pedido, tanto que acabou por dar o que ele pediu: o beijo. A diferença de valores só aparece ao final, após a manipulação, quando Magali demonstra que para ela lhe interessa muito mais um alguém que possa lhe oferecer comida do que um mero príncipe. Atitude que produz uma ruptura, causando o humor.

Na segunda fase, a competência,

um sujeito atribui a outro um saber e um poder fazer. Quando, num conto maravilhoso, uma fada dá a um príncipe um objeto mágico, que lhe permitirá realizar uma ação extraordinária, está dando-lhe um poder fazer, figurativizado pelo referido objeto mágico. (FIORIN, 1999, p. 5)

O sapo, sujeito manipulador do texto, possui a competência de ganhar um beijo de Magali e, por isso, dirige-se a ela de forma a despertar sua curiosidade, oferecendo-lhe o que ele chama de surpresa, para que então ela possa beijá-lo e realize a transformação.

A terceira fase é a *performance*. Ela é “a representação sintático-semântica [...] da ação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados (BARROS, 2005, p. 29), na qual acontece a transformação principal do texto.

Sendo assim, Magali, manipulada pelo sapo, opera a transformação do texto quando o beija e ele se transforma em príncipe; passando de seu estado de sapo (animal feio) ao estado de príncipe (dotado de beleza).

A última fase é a da sanção, que pode ser tanto cognitiva quanto pragmática.

Aquela é o reconhecimento por um sujeito de que a *performance* de fato ocorreu. Em muitos textos, essa fase é muito importante, porque é nela que as mentiras são desmascaradas, os segredos são desvelados, etc. A sanção pragmática pode ou não ocorrer. (FIORIN, 1999, p. 5)

Do ponto de vista do sapo, a *performance* ocorreu. Percebemos que o sapo conseguiu o que queria, ou seja, tornar-se um belo príncipe. Apesar disso, ele se espanta com a reação de Magali quando ela demonstra que sua gula é maior que seu romantismo.

3.3 Nível Discursivo

É no terceiro e último nível, o discursivo, que “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude.” (FIORIN, 2002, p. 29) Sendo assim, nessa relação entre níveis narrativo e discursivo, quanto mais “profundo o nível, [...] mais simples são as unidades, assim como mais abstratas. Quanto mais superficial, mais essas unidades se complexificam e se concretizam.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20-21)

Visto isso, os sujeitos do nível narrativo se concretizam como um sapo (que se tornou príncipe) e uma garotinha (Magali). Quanto ao objeto de valor de ambos os sujeitos, a concretização se dá de forma diferente, pois “o nível discursivo produz as variações de conteúdos narrativos invariantes.” (FIORIN, 2002, p. 29) Desse modo, enquanto o sapo pretende estar em conjunção com seu objeto de valor, ser um belo príncipe, Magali busca encontrar na surpresa oferecida pelo sapo seu objeto de valor, comida, e pretende assim entrar em conjunção com um pipoqueiro, padeiro ou qualquer outro profissional que possa lhe oferecer comida – vindo a decepcionar-se depois por não ter obtido o que desejava.

4 Considerações finais

Tendo em vista nosso objetivo exposto, logo, na introdução, ou seja, o de analisar um texto aplicando alguns conceitos do percurso gerativo de sentido, segundo as teorias da Semiótica Discursiva, inferimos a obtenção de êxito em nosso intento.

Embora tenhamos atingido tal objetivo, reconhecemos a importância de uma exposição mais aprofundada dos conceitos, assim como uma análise mais detalhada. No entanto, acreditamos na possibilidade de termos iniciado um diálogo produtivo com nossos leitores, levando até eles, uma breve sugestão de análise.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EdUSC, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FIORIN, José Luiz. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. Revista D.E.L.T.A., vol.15, nº 1, 1999, p.177-207.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia de; LANDOWSKI, Eric. *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.
- TATIT, Luiz. *A abordagem do texto*. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística*. v.1. São Paulo: Contexto, 2002.